

**Comércio exterior.** Alguns empresários preferem industrializar seus produtos fora do país para escapar da tributação

# Exportador espera receber R\$ 35 bi e compensar perda

EDSON CHAGAS



**EMBARQUES.** Muitas empresas preferem exportar a produção in natura para beneficiar no exterior e depois importar de volta

## Burocracia para recebimento de créditos devidos é um dos maiores entraves à exportação

BRASÍLIA

■ A realidade dos exportadores confirma a urgência de se tornarem concretas as medidas em estudo pelo governo para acelerar o recebimento, pelo setor, de cerca de R\$ 35 bilhões em créditos tributários. A burocracia para receber esse dinheiro é um dos maiores entraves às exportações de produtos manufaturados e motivo de perda de competitividade dentro e fora do Brasil. A saída para muitos empresários é importar insumos estrangeiros para industriali-

zados, não conseguiram utilizar nos últimos anos. Como o volume de crédito gerado está atrelado ao montante produzido pela empresa, a opção de várias companhias têm sido fazer o mínimo necessário.

### ALTERNATIVA

No país que é o maior produtor de soja do mundo, as empresas desistem de exportar o óleo de soja, por exemplo. Vendem apenas os grãos.

“Há empresas que compram esmagadoras (de grãos) em outros países, exportam in natura e transformam no exterior. O país perde renda e emprego”, revela o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Mato Grosso (Fiemt), Mauro Mendes.

O mesmo problema assom-

tos é o maior complicador deste setor, que fabrica insumos para a indústria nacional de calçados.

O segmento tem tentado reduzir custos e investir em inovações para sobreviver. “Nossos clientes têm importado insumos. E muitos curtimes têm exportado o couro wet blue diretamente em vez de agregar valor. E olha que foram criadas taxas de exportação para desestimular estas vendas externas. Isso é péssimo porque diminui a renda do país, não gera empregos e ainda deixa no Brasil o impacto

ambiental do tratamento do couro”, disse Peres. Ele também é dono da empresa Noko Química e admite estar comprando parte de seus insumos no exterior: “É um ciclo vicioso e prejudica todos.

Segundo o vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, as empresas preferem não correr o risco de ter que ficar esperando indefinidamente por créditos do ICMS que nunca vêm. “Não adianta ir à Justiça, porque demora tanto que não vale a pena”, resumiu. (Agência Globo)

## Dificuldade para receber créditos

to a receber, por lei, um crédito no valor dos tributos recolhidos que poderá ser compensa-

■ A realidade dos exportadores confirma a urgência de se tornarem concretas as medidas em estudo pelo governo para acelerar o recebimento, pelo setor, de cerca de R\$ 35 bilhões em créditos tributários. A burocracia para receber esse dinheiro é um dos maiores entraves às exportações de produtos manufaturados e motivo de perda de competitividade dentro e fora do Brasil. A saída para muitos empresários é importar insumos estrangeiros para industrializar aqui dentro sem precisar pagar os tributos internos, ou simplesmente industrializar lá fora para escapar dos impostos.

Cerca de R\$ 25 bilhões em ICMS e de R\$ 7 bilhões a R\$ 10 bilhões em PIS/Cofins que já foram pagos pelo setor geraram créditos que as empresas

No país que é o maior produtor de soja do mundo, as empresas desistem de exportar o óleo de soja, por exemplo. Vendem apenas os grãos.

“Há empresas que compram esmagadoras (de grãos) em outros países, exportam in natura e transformam no exterior. O país perde renda e emprego”, revela o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Mato Grosso (Fiemt), Mauro Mendes.

O mesmo problema assombra o setor de calçados e couros, que ainda se queixa do impacto do câmbio valorizado sobre as exportações. O presidente da Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal), Ricardo Peres, afirmou que a dificuldade de receber os créditos

têm exportado o couro wet blue diretamente em vez de agregar valor. E olha que foram criadas taxas de exportação para desestimular estas vendas externas. Isso é péssimo porque diminui a renda do país, não gera empregos e ainda deixa no Brasil o impacto

Exterior do Brasil (FIEZ), Augusto de Castro, as empresas preferem não correr o risco de ter que ficar esperando indefinidamente por créditos do ICMS que nunca vêm. “Não adianta ir à Justiça, porque demora tanto que não vale a pena”, resumiu. (Agência Globo)

## Dificuldade para receber créditos acumulados

■ Quem produz bens manufaturados no Brasil tem que pagar ICMS, PIS e Cofins em cada uma das etapas da cadeia produtiva, como qualquer empresa. Mas quem produz como objetivo de exportar tem direi-

to a receber, por lei, um crédito no valor dos tributos recolhidos que poderá ser compensado em outros impostos. Os créditos acabam sendo maiores do que o imposto a ser pago, o que, em tese, é vantajoso para os exportadores - que teriam dinheiro a receber. Na prática, como as empresas nunca recebem a diferença, a incidência de impostos pesa.

# Café do Brasil produzido nos EUA

## Empresa de São Paulo adquire torrefadora em Nova York para industrializar café

BRASÍLIA

■ Para oferecer aos clientes entendidos de café o maior número possível de blends do mundo inteiro, a Octavio Café importa dos Estados Unidos. O grupo que controla a cafeteria

paulista comprou recentemente uma tradicional torrefadora, a Dallis Coffee, em Nova York, onde industrializa o seu café especial e o revende ao Brasil.

“Queremos proporcionar a variedade aos nossos clientes que são exigentes. E a repercussão tem sido muito legal. Os entendidos podem brincar de viajar pelo mundo com os nossos cafés”, explica o diretor comercial da empresa, Ricardo Aranha.

Os volumes importados

ainda são pequenos, mas esta foi a solução encontrada pela companhia para oferecer um produto diferenciado aos seus clientes. O café brasileiro faz parte da paleta da empresa.

## IRONIA

Ironicamente, é torrado nos Estados Unidos para poder competir no mercado brasileiro. De acordo com o diretor da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), Nathan Hersz-

kowicz, o caso se repete. A Café Bom Dia, segundo ele, também produz no exterior café industrializado de origens diferentes.

O mercado de blends especiais de café tem crescido no Brasil. As fábricas brasileiras não estão podendo competir neste nicho de mercado, nem dentro, nem fora do país, por não conseguirem industrializar o produto sem fugir dos tributos — que os estrangeiros não pagam. (Vivian Oswald)

## Mercado fica ainda mais competitivo

■ Produtor histórico de café, o Brasil tem ficado para trás na competição por itens que não sejam o grão em si. Não se trata de falta de qualidade do produto nacional, garante o diretor-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), Nathan Herszkowicz.

Ele defende que a indústria de café processado brasileira é pouco competitiva porque acaba exportando os impostos, uma vez que não consegue reaver os créditos prometidos. Marcas estrangeiras têm trazido sem concorrência seus blends de cafés do mundo inteiro para o país, num

mercado de consumidores cada vez mais entendidos.

“As estrangeiras estão ganhando este mercado de presente no Brasil. As empresas brasileiras não têm como fugir dos custos dos tributos para industrialização e ainda há uma proibição de importar os grãos verdes para fazer as paletas especiais com sabores do mundo”, disse o diretor da Abic.

O maior exportador de café do mundo é a Alemanha, que não planta um só pé da planta. Mas compra o brasileiro e vende industrializado aqui no país. O setor de minério padece do mesmo problema.